POEMA DE OCASIÃO

ADRIANE GARCIA

POEMA DE OCASIÃO

Quero registrar que mil caíram à minha direita
Mil à minha esquerda
Outros mil à minha frente/ atrás de mim mais dez mil
E que eu posso cair a qualquer momento

Cercados pela morte nem os colibris de poetas
Voam/ Nem a minha implicância com a palavra
Poetisa
Nada

Repõe o mar e o seu sal
Nada nos fará esquecer que em dado momento
A morte entrou pelas frestas, pelas urnas
Funerárias
E marcou o passo a passo
Deste país

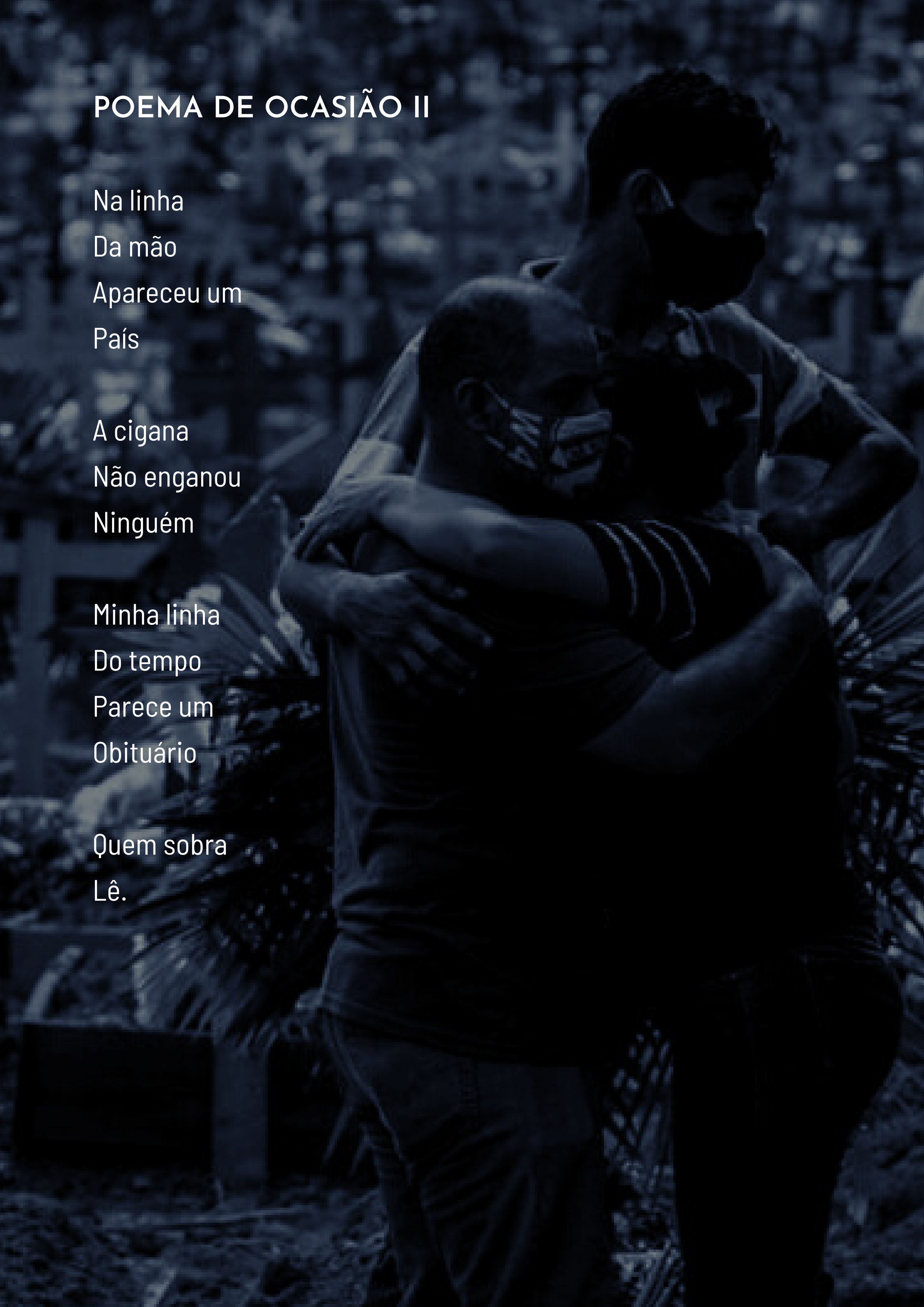
Triste país
Cujas carpideiras estendem as mãos nas ruas
Preocupadas com a fome, com o filho, com o teto
Ocupadas demais para chorar este luto.

POEMA DE OCASIÃO II

Na linha
Da mão
Apareceu um
País

A cigana
Não enganou
Ninguém

Minha linha
Do tempo
Parece um
Obituário

Quem sobra
Lê.

POEMA DE OCASIÃO III

O pesadelo coletivo
Apresenta suas cenas
Fragmentárias

Os mascarados se escondem
Enquanto rostos nus gritam vivas
À morte

Suas bocas estão visíveis
Seus pulmões carregam falências
Pedintes invadem

As ruas
Não os bancos
Os bancos conservam portas giratórias

Os hospitais lotados
O pesadelo salta para outro cenário
Música eletrônica

666 pessoas dançam, comem e bebem numa festa
Enquanto o presidente imita um homem que
Não consegue respirar.

Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou "Fábulas para adulto perder o sono" (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), "O nome do mundo" (ed. Armazém da Cultura, 2014), "Só, com peixes' (ed. Confraria do Vento, 2015), "Embrulhado para viagem" (col. Leve um Livro, 2016), "Garrafas ao mar" (ed. Penalux, 2018) e "Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois" (ed. Conceito Editorial, 2019) e "Eva-proto-poeta", ed. Caos & Letras, 2020.

Fotografias com intervenção
Fabio Alarico Teixeira (Agencia Anadolu) e Getty Images

Diagramação: Taciana Oliveira